

A ARTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA ABORDAGEM CULTURAL DA REALIDADE SEMIÁRIDA E SERTANEJA

ART IN GEOGRAPHY TEACHING AS A DIDACTIC-PEDAGOGICAL POSSIBILITY IN THE CULTURAL APPROACH TO THE SEMI-ARID AND RURAL REALITY

Taítalo Eduardo Gomes Gentil¹
Gabriela Rocha Rodrigues²

RESUMO

Este artigo pretende apresentar alternativas didático-pedagógicas na abordagem do imaginário cultural a partir da realidade semiárida e sertaneja na utilização das artes no ensino de Geografia explorando alguns recursos artísticos na prática pedagógica mediante algumas exemplificações ressignificando o processo pedagógico, permitindo, dessa forma, fortalecer e reconhecer as culturas locais e regionais dos alunos envolvidos na prática pedagógica. Dessa forma, o objetivo geral deste artigo consiste em investigar de que forma a arte no ensino da disciplina pode contribuir na abordagem cultural da realidade semiárida e sertaneja, nesse processo, para alcançarmos o objetivo, traçamos alguns específicos, para isso, foi necessário problematizar o uso das artes de diversas formas pedagógicas no ensino de Geografia, em seguida, buscamos contextualizar a realidade supracitada a partir de seus aspectos físicos e socioeconômicos, e por fim, propomos ressignificar o ensino da disciplina com algumas práticas pedagógicas que podemos abordar acerca da cultura semiárida e sertaneja. Nesse processo, utilizamos como percurso metodológico a revisão de literatura envolvendo levantamento bibliográfico, com ênfase introdutória na pesquisa estado da arte. Contextualizar nossas práticas pedagógicas através da utilização da arte pode possibilitar trabalharmos diversos meios didáticos na ressignificação da cultura de nossos alunos como forma de representar e ressignificar suas culturalidades, tornando nesse processo uma aprendizagem significativa, dinâmica e interativa.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Prática Pedagógica. Abordagem Cultural.

ABSTRACT: *This article aims to present didactic-pedagogical alternatives in approaching cultural imagery based on the semi-arid and rural reality in the use of the arts in geography teaching, exploring some artistic resources in pedagogical practice through examples that reframe the pedagogical process, thereby strengthening and recognizing the local and regional cultures of the students involved in pedagogical practice. Thus, the general objective of this article is to investigate how art in the teaching of the discipline can contribute to the cultural approach to the semi-arid and rural reality. In this process, to achieve the objective, we outlined some specific ones. To do so, it was necessary to problematize the use of the arts in various pedagogical forms in the teaching of Geography. Next, we sought to contextualize the aforementioned reality based on its physical and socioeconomic aspects. Finally, we propose to reframe the teaching of the subject with some pedagogical practices that we can address regarding the semi-arid and rural culture. In this process, we used a methodological approach involving a literature review, with an introductory emphasis on state-of-the-art research. We concluded that contextualizing our pedagogical practices through the use of art can enable us to work with various teaching methods in reframing our students' culture as a way of representing and reframing their cultural identities, making this process a meaningful, dynamic, and interactive learning experience.*

Keywords: *Teaching Geography. Pedagogical Practice. Cultural Approach.*

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas. Pós-graduando Especialização *lato sensu* em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino DEAD/IFRR. E-mail: taitalo.gentil@academico.ifrr.edu.br.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora mediadora do DEAD/IFRR. E-mail: gabriela.rodrigues@ifrr.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A construção do imaginário cultural das realidades semiáridas e sertanejas perpassam a um contexto histórico recorrente da mistificação dos povos que vivem nessa região do Nordeste brasileiro, principalmente por meio das mídias e suas produções artísticas, que se tornaram recorrentes na compreensão de diversos aspectos dos seus modos de vidas culturais, bem como presente nos conteúdos curriculares e nos livros didáticos na exploração de assuntos relacionados ao regionalismo cultural da região Nordeste trabalhados no contexto escolar.

Nas interpretações, as abordagens e características culturais apresentam feições humanas que configuram a imagem de um povo pobre, de origem rural, analfabetos e em péssimas condições de vida, além das paisagens naturais de seca e abandono, unidas e carregadas de pobreza, dor, sofrimento e inúmeros problemas sociais como a miséria, atreladas a elementos geográficos como o clima semiárido, o bioma caatinga, a degradação do solo e a escassez de recursos hídricos, retratando, sobretudo, os contextos históricos e culturais da região. Nessa interpretação, em análise positiva, Euclides da Cunha (1866-1909), em sua considerada obra *Os Sertões*, carregando os traços do regionalismo cultural, caracteriza o homem sertanejo, antes de tudo, um forte, como um ser resistente, carregado de valores e princípios familiares, em luta contra os problemas e a escassez para poder garantir uma vida digna, relatando e descrevendo sua realidade de vida.

Partindo da problemática apresentada, o problema da pesquisa nasceu a partir da seguinte questão-problema: de que forma a arte no ensino da Geografia pode contribuir na abordagem cultural da realidade semiárida e sertaneja? Pensando na questão supracitada, esta pesquisa se fez importante e fundamental, pois permitiu aprofundar sentidos, enfoques e metodologias de modo a propor propostas didático-pedagógicas a partir da inserção da arte no campo do ensino da Geografia, com ênfase na Geografia Cultural a partir da realidade apresentada.

Na perspectiva do regionalismo cultural acerca da realidade citada, pretende-se promover um ensino em busca de aguçar o entendimento dos estudantes acerca das diferentes culturas e do pertencimento cultural de modo a promover o aperfeiçoamento pedagógico, posto que, pode permitir uma reflexão e olhar atencioso de nossos alunos passando a ser um desafio rico em relação à reflexão sobre a prática pedagógica inovadora na formação dos sujeitos trabalhando recursos, métodos e técnicas como a arte, a música e a literatura.

O presente artigo, inserido na linha de pesquisa *Metodologias de Ensino para Ciências Humanas e Sociais*, delimita-se a investigar as potencialidades e possibilidades da arte como ferramenta didático-pedagógica no ensino de Geografia na abordagem cultural citada.

O objetivo geral consiste em investigar de que forma a arte no ensino da disciplina pode contribuir na abordagem cultural da realidade semiárida e sertaneja. Quanto aos objetivos específicos: i) realizar pesquisa e levantamento bibliográfico acerca de métodos e técnicas no ensino de Geografia, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades alinhadas à Base Nacional Comum Curricular - BNCC; ii) contextualizar a realidade semiárida e sertaneja, incluindo seus aspectos físicos-naturais e socioeconômicos; e iii) ressignificar o processo ensino-aprendizagem com propostas didático-pedagógicas no ensino de Geografia.

2 ARTE E GEOGRAFIA: POR UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA E SIGNIFICATIVA

2.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS DIVERSAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

As práticas pedagógicas na Educação Básica exigem cada vez mais do professor um ensino pautado na busca de novos métodos e técnicas que se distanciem do modelo tradicional de ensino e que estejam mais voltadas a um processo educativo direcionado as vivências e experiências dos educandos e suas realidades. Na área de humanidades, as culturas, ensejadas na valorização e no pertencimento cultural, nas territorialidades, identidades, lugares, saberes, tradições locais e regionais, permitem aulas mais dinâmicas e interativas quanto a uma aprendizagem significativa voltadas as representações pertinentes de nossos educandos, permitindo um ensino contextualizado, mediante sentimentos e pertencimentos atribuindo sentidos nas diversas relações.

Nesse viés, para a Geografia, enquanto disciplina escolar, as diversas possibilidades pedagógicas abordadas em sala de aula devem surgir mediante a percepção do aluno frente aos conteúdos estudados e vivenciados em sua realidade. Em concordância, conforme Callai (2003, p. 58), “A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (...)”.

De acordo com Pontuschka *et al.* (2009, p. 97):

(...) Além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado a aprendizagem. À medida que os conteúdos deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios de interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possa construir uma visão articulada, organizada e crítica do mundo.

Nessa contextualização do processo pedagógico, trabalhar diversas formas de ensino como possibilidades didático-pedagógicas em sala de aula são fundamentais no processo de aprendizagem, a título de exemplo, a inserção e diálogo das artes como atividade humana e como componente curricular de forma interdisciplinar permite a articulação de um diálogo entre disciplinas, trabalhando a arte, a música e a literatura, por exemplo.

Em consonância a essa sustentação, as artes como disciplina e possibilidade didático-pedagógica pode possibilitar uma rica oportunidade de trabalhar a realidade de diferentes culturas, cercada de representações e significados de um povo no currículo escolar, como a realidade semiárida e sertaneja, permitindo novas leituras, reflexões e interpretações em questão.

Conforme o apresentado por Gouveia *et. al* (2007, p. 3) sobre a arte e seus diversos contextos, “(...) a arte é uma obra aberta, a interpretação e o significado a depender de cada indivíduo, no tempo e no espaço. Dependendo do grau de desenvolvimento e sensibilidade de cada indivíduo, a arte possibilita aflorar os nossos mais íntimos sentimentos”. Além disso, as expressões artísticas auxiliam os educandos a desenvolverem e a trabalhar diferentes características como a imaginação, o senso crítico, a criatividade, a valorização e o pertencimento, além de construir um repertório cultural e histórico dos sujeitos envolvidos com base em suas culturas.

No campo da abordagem do ensino de Geografia nas escolas, com ênfase na Geografia Cultural-Humanística, Nascimento *et al.* (2020) salientam que a Geografia Cultural aborda diversos aspectos a partir das realidades dos sujeitos, apresentando como objetivo apreender melhor seus espaços de vivências, compreendendo esse aspecto significa entender o que acontece nesses territórios onde se vive para além dos atributos naturais e humanos, permitindo conhecer suas histórias e entender as relações que ali acontecem.

Para Santos e Araújo (2020, p. 180), “O Ensino de Geografia feito de forma contextualizada influencia diretamente a percepção discente em relação ao ambiente em que vive. É pertinente destacar que percepção é um conceito complexo e de grande relevância para os estudos geográficos”.

Ademais, para Almeida e Arraes (2013), o propósito da abordagem cultural na Geografia é entender a experiência dos sujeitos ao seu meio, compreendendo os sentidos e as significações que os mesmos dão às suas vidas, essa abordagem integra suas representações mentais e reações subjetivas no campo das dinâmicas culturais a partir dos estudos geográficos.

Santos e Araújo (2020, p. 179) ressaltam que: “A Geografia, enquanto disciplina escolar, deve apresentar o espaço de reflexão sobre o semiárido, no sentido de assumir um importante papel na construção da percepção e nas formas de atuação discente em relação a esses espaços”. Ainda conforme Santos e Araújo (2020, p. 180), “O Ensino de Geografia deve se empenhar para possibilitar condições de aprendizagem que aproximem os conhecimentos do semiárido e sua contextualização com a realidade de vivência dos estudantes”.

Para mais, no entendimento da disciplina de Geografia no currículo escolar, nos debruçamos no referencial da BNCC que estabelece habilidades e competências que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica. A unidade temática “o sujeito e seu lugar no mundo”, presente no Ensino Fundamental, se aproxima do nosso objetivo com foco no pertencimento e na identidade dos sujeitos, explorando as dinâmicas do homem como sujeito e suas subjetividades, suas memórias e identidades, apresentando diversas habilidades ao longo do processo formativo no EF. Conforme a BNCC, acerca dessa unidade temática, encontramos que:

(...) focalizam-se as noções de pertencimento e identidade. No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, busca-se ampliar as experiências com o espaço e o tempo vivenciadas (...) valorizando-se os contextos mais próximos da vida cotidiana. Espera-se que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais. (...) Além disso, pretende-se possibilitar que os estudantes construam sua identidade (...); valorizem as suas memórias e marcas do passado vivenciadas em diferentes lugares; e, à medida que se alfabetizam, ampliem a sua compreensão do mundo. Em continuidade, no Ensino Fundamental – Anos Finais, procura-se expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos, considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo. (...) (BNCC, 2018, p. 362).

Quanto aos objetos de conhecimento dessa unidade que mais se aproximam do aporte teórico aqui discutido, destacamos: o modo de vida das crianças em diferentes lugares; e situações de convívio em diferentes lugares (1º ano); convivência e interações entre pessoas na comunidade (2º ano); a cidade e o campo: aproximações e diferenças (3º ano); território e diversidade cultural; e processos migratórios no Brasil (4º ano); dinâmica populacional; diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais (5º ano); identidade sociocultural (6º ano); ideias e concepções sobre a formação

territorial do Brasil (7º ano); deslocamentos, diversidade e dinâmica da população local (8º ano); e as manifestações culturais na formação populacional (9º ano).

Quanto às habilidades, podemos destacar algumas delas que podem tornar-se interessantes e fundamentais em nossa investigação: (EF02GE01) Descrever a história das migrações no bairro ou comunidade em que vive; (EF04GE02) Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira; e (EF05GE01) Descrever e analisar dinâmicas populacionais na Unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.

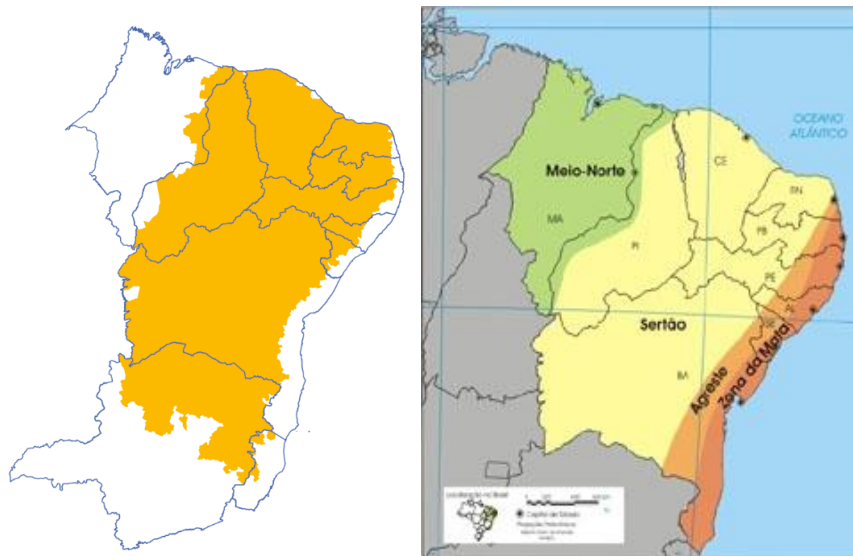
2.2 A REALIDADE SEMIÁRIDA E SERTANEJA: ASPECTOS FÍSICOS-NATURAIS E SOCIOECONÔMICOS

O Semiárido brasileiro é o maior do mundo, tanto em extensão territorial, como em densidade demográfica, sendo um dos mais povoados, conhecido também como a grande região seca dos Sertões. Cabe, nesta contextualização, diferenciar o clima semiárido, típico de regiões que recebem pouca precipitação anual e com grande potencial de evapotranspiração com elevadas temperaturas durante o ano no interior do Nordeste o que predomina um clima quente e seco e de alta amplitude térmica; e o Sertão, esse último, uma sub-região do Nordeste brasileiro, sendo a maior delas em extensão territorial, inserida na região do Semiárido, as regiões citadas estão inseridas na Caatinga, esse, o único bioma exclusivamente brasileiro. Nessa região, encontram-se particularidades únicas onde se concentram uma rica caracterização geográfica e cultural, vista por diferentes pontos de vista, bem como no campo educacional.

Conforme os últimos dados acerca desse território, sempre em constantes atualizações, abrange aproximadamente 900.000 km², (cerca de 15,3% do território nacional e 70,9% da região Nordeste) e (15% da população do país e 50,5% da população do Nordeste), está inserido nos 9 estados da região, a saber: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, além dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, abrangendo aproximadamente 31 milhões de pessoas em 1.477 municípios, conforme a última atualização da Resolução Condell/Sudene n.º 176, de 3 de janeiro de 2024 (ASA BRASIL, 2024).

A seguir, a figura 1 apresenta a extensão territorial da região semiárida e sertaneja no território brasileiro:

Figura 1: área de abrangência do Semiárido brasileiro e do Sertão nordestino.



Fonte: <https://asabrazil.org.br/semiarido/> e <https://www.todamateria.com.br/sertao/>.

Para nos situarmos, conforme as principais características fisiográficas das regiões semiáridas no mundo, apresentadas por Silva (2003, p. 365) destacamos que:

As regiões semi-áridas são caracterizadas, de modo geral, pela aridez do clima, pela deficiência hídrica com imprevisibilidade das precipitações pluviométricas e pela presença de solos pobres em matéria orgânica. O prolongado período seco anual eleva a temperatura local caracterizando a aridez sazonal. (...)

Acerca de seus aspectos fisiográficos, que envolvem como principal fundamento o clima, a hidrografia, o bioma, o solo e a morfologia das paisagens presentes na região, que possuem uma diversidade única presente neste território, os aspectos climáticos são os principais vetores que resultam e moldam a paisagem semiárida e sertaneja, logo:

A insuficiência e irregularidade na distribuição de chuvas, com médias anuais entre 268 e 800 mm, a temperatura elevada e a forte taxa de evaporação são características que se refletem no modelamento da paisagem predominante. A hidrologia e a vegetação são totalmente dependentes do ritmo climático. O longo período seco, com alta evaporação, leva a uma desperenização generalizada dos rios, riachos e córregos endógenos. (...) Um dos fatores marcantes da paisagem do semi-árido é a vegetação de caatinga, que na língua indígena quer dizer mata branca. Trata-se de um bioma caracteristicamente brasileiro, com alta biodiversidade, onde se destaca a formação vegetal xerófila (adaptada à seca) com folhas pequenas que reduzem a transpiração, os caules suculentos para armazenar água e as raízes espalhadas para capturar o máximo de água durante as chuvas (Silva, 2003, p. 366).

Com uma precipitação pluviométrica média anual inferior a 800mm, o Semiárido brasileiro é o mais chuvoso do mundo. Quanto ao clima semiárido, a imagem que surge é de uma natureza considerada inhóspita, visto que estas regiões possuem como principal característica a irregularidade de chuvas e pelas altas taxas de evapotranspiração, essas condições contribuem para o alto risco de escassez hídrica enfrentado no Semiárido conforme os dados do Instituto Nacional do Semiárido Brasileiro (INSA).

Além disso, acerca da realidade semiárida, trata-se de uma região rica sob vários aspectos sociais, culturais, ambientais e econômicos, sua construção histórica foi constituída mediante sua grande concentração de terras e de água, distribuída de forma desigual, que historicamente estiveram nas mãos de pequenas elites, como consequência, institui-se uma região com altos níveis de exclusão social e de degradação ambiental, sendo fatores determinantes de crises socioambientais e socioeconômicas vivenciadas na região, segundo informações do INSA.

Quanto aos seus aspectos socioeconômicos, a produção de produtos agrícolas, extrativistas e a pecuária merecem destaque e elevam sua economia, devemos considerar também a grande biodiversidade de fauna e flora, algumas espécies encontradas apenas na região, bem como o rio São Francisco, conhecido como Velho Chico, como o principal rio que corta quase toda essa região nordestina, considerado o rio da integração nacional, levando oportunidades de desenvolvimento por onde passa. Por outro lado, os baixos índices de desenvolvimento humano da região, considerando renda, educação e saúde, a falta de acesso à água, a escassez de recursos hídricos e os problemas socioambientais causados pela ação antrópica, como a desertificação, são temas recorrentes de discussões que configuram os principais problemas socioeconômicos, ressaltando a importância de políticas públicas para essa região.

A realidade semiárida e sertaneja além de carregar diversas características e especificidades que a tornam uma região singular, ainda enfrenta problemas que assolam o seu desenvolvimento, que consequentemente acarreta outros problemas que envolvem fatores de diversas ordens políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais, contornando as visões negligenciadas e estereotipadas acerca dos habitantes, como exemplo pelos livros didáticos e pelas mídias, principalmente pela falta de conhecimento acerca das possibilidades e potencialidades dessa região. Cabe destacar sua rica diversidade regional, permitindo configurar-se como um território diversificado, com diversas territorialidades e diferentes culturas ao longo de sua extensão, sejam elas rurais, indígenas, ribeirinhas e quilombolas.

2.3 ARTE E GEOGRAFIA: RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ACERCA DA CULTURA SEMIÁRIDA E SERTANEJA

Repensar as práticas pedagógicas ao abordar os conteúdos programáticos em sala de aula nos impulsiona a buscar um maior envolvimento de nossos alunos, tornando possível na exposição de aulas inovadoras e atrativas para que os alunos possam sentir-se representados acerca de suas culturas, de suas vivências e experiências, superando as costumeiras práticas tradicionalistas de memorização dos conteúdos. As possibilidades são diversas e podem envolver diversos meios didáticos, como recursos audiovisuais, artísticos, musicais e literários, como auxiliares no processo ensino-aprendizagem, podendo ser utilizados em diferentes momentos nesse processo.

A pensar novas propostas, estamos engajados no processo de (re)conhecimento e de (re)significação em busca de aguçar o pertencimento e a valorização das culturas presentes em nossos alunos, numa participação ativa dos mesmos, muitas vezes despercebida e pouco trabalhada. Nesse momento, devemos considerar o planejamento, a avaliação e os resultados esperados na prática pedagógica, embora por mais simples que seja a prática, considerar o ganho de experiências para professor-aluno torna-se construtivo, utilizando os recursos apropriados a determinados conteúdos, abordando aspectos históricos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. A partir desse contexto, para início de explanação, conforme Barbosa (2000, p. 69), “(...) a Arte possui uma importante dimensão histórica de leitura do espaço socialmente produzido e se traduz como um instrumento de percepção e reconhecimento da realidade”.

Vista como uma prática pedagógica simples, mas com um grande potencial de aprendizagem cultural, a música consiste num instrumento utilizado em sala para problematizarmos o conteúdo abordado como um ponto de reflexão, logo, contextualizar as realidades faz parte do cotidiano das artes. De acordo com Muniz (2012, p. 81), acerca do uso da música no ensino de Geografia, “As letras de música apresentam noções e conceitos básicos de Geografia. Também é uma das artes que mais influência na subjetividade, nos desejos e nos comportamentos humanos (...)”.

Em consonância a essa sustentação, acrescentamos que:

(...) Esta ênfase se justifica pela necessidade dos conteúdos ministrados serem problematizados, contextualizados e relacionados à vivência dos alunos, valorizando seus conhecimentos prévios, pois se partirmos do pressuposto de que a melhor forma de motivação

está presente no cotidiano de nossos alunos, a utilização da música como instrumento de ensino e aprendizagem é um exemplo disto (Muniz, 2012, p. 81).

A título de exemplo, grandes clássicos da música nordestina na voz de Luiz Gonzaga (1912-1989), considerado o Rei do Baião e suas diversas parcerias retratam a realidade sertaneja e suas problematizações em suas letras, a saber: *Riacho do Navio*, *Asa Branca*, *Xote Ecológico*, *Baião da Garoa* e *Pobreza por Pobreza* merecem destaque, a acrescentar outras produções artísticas como *Seca Nordestina* (Flavio José) e *Súplica Cearense* (Gordurinha/Nelinho), que abordam as condições climáticas, as irregularidades das chuvas, as secas extremas e prolongadas e a escassez dos recursos hídricos como agravantes da região.

Outros exemplos, como *Cidadão* (Lúcio Barbosa) e *A Triste Partida*, poema do poeta Patativa do Assaré, que virou letra da música de Luiz Gonzaga, expressam o fenômeno da migração nordestina para outras regiões na busca por melhores condições de vida, bem como as desigualdades regionais e o êxodo rural, que retratam a intensa e histórica diáspora nordestina, são alguns exemplos a serem abordados mediante o conteúdo programático trabalhado de diversas formas, sempre a considerar os conhecimentos prévios de nossos alunos.

Conforme Pereira (2012, p. 140), “A música (som e letra) pode ser utilizada na problematização do cotidiano e na formação do cidadão de forma mais lúdica e interativa, tendo em vista a amplitude de abordagens que podem ser identificadas nos diversos gêneros musicais”.

Partindo para as obras literárias de grande renome, como *Vidas Secas* (Graciliano Ramos), *Os Sertões* (Euclides da Cunha) e *Morte e Vida Severina* (João Cabral de Melo Neto), podemos citá-los como exemplares da literatura brasileira com um enredo regionalista que retratam a vida do sertanejo. As obras e os autores dialogam, em síntese, descrevem a figura do homem sertanejo que atravessa os Sertões do Nordeste fugindo da miséria e da seca, em busca de uma vida melhor, representados como grupos marginalizados e negligenciados, adentrando em conflitos regionais como a Guerra de Canudos e o movimento do Cangaço, explorando diversas temáticas em que toda obra busca apresentar uma crítica, retratar a sociedade brasileira e seus problemas sociais enfrentados.

Na visão de Garcia e Reis (2019, p. 1175-1776), acerca da interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura, o autor apresenta que:

(...) A interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura possibilita a aprendizagem de fatos geográficos, o qual pode ser desenvolvido por meio do diálogo entre o aluno e a obra literária, intermediada pelos saberes geográficos ensinados pelo professor, motivando a reflexão e a construção do conhecimento. (...)

Figura 2: principais obras da literatura que retratam a realidade sertaneja.



Fonte: Amazon, 2025.

Sendo assim, conforme Garcia e Reis (2019), na relação entre Literatura e Geografia, é destacado que esse elo é percebido no contato com os fundamentos da Geografia Cultural, em sua abordagem humanística, por oferecer subsídios para a compreensão entre o homem e o seu meio, objeto de investigação da ciência geográfica, mais específico com a terra, relacionando os fenômenos naturais, sociais e culturais, mediante as experiências vividas e existenciais do homem, logo, o estudo e análise dos fenômenos geográficos podem ser realizados através da literatura e da narrativa.

Mediante sua sustentação, o autor apresenta as contribuições da literatura:

A Literatura apresenta potencial riquíssimo para os geógrafos que buscam apreender sobre costumes, hábitos, relações sociais, visão de mundo e determinados comportamentos em épocas diferentes, além de permitir análises de conceitos como paisagem, território, lugar e espaço, os quais se apresentam ao leitor como plano de fundo na narrativa. Cabe ao geógrafo fazer a interpretação da narrativa a fim de levantar novas indagações que proporcionem novas maneiras de conceber a relação homem-meio em diferentes épocas. A subjetividade, o enredo das narrativas tornam o homem consciente de si, e esse processo possui uma vivacidade que transmite ao leitor, além das ações dos personagens, suas visões de mundo e toda uma gama de sentimentos (Garcia; Reis, 2019, p. 1778-1779).

A literatura de cordel, conhecida literatura popular, é um gênero literário de versos e rimas, sendo constituída por características regionais da cultura e linguagem popular brasileira composta por narrativas impressas em livretos ou folhetos presos em barbantes e que se consolidou e recebeu grande destaque no Nordeste, consiste também numa importante ferramenta literária ao abordar a cultura sertaneja, como uma linguagem artística, envolvendo expressões culturais populares, em que utiliza

ilustrações através da xilogravura, arte associada ao cordel, outra importante ferramenta didática, e que pode aflorar nossos sentidos e subjetividades acerca de nossas culturas.

A utilização da literatura de cordel como recurso didático nas aulas, facilita o processo de ensino nas mais diferentes perspectivas. Uma vez que o conteúdo “esmiuçado” através de uma releitura produzida em versos e rimas atrai a atenção dos estudantes, provoca encantamento, desperta interesse pela cultura local e incentiva produção de textos e a prática da leitura (Cruz, 2022, p. 12).

Figura 3: literaturas em cordéis (à esquerda) e a arte da xilogravura (à direita).



Fonte: <https://www.uesb.br/noticias/literatura-de-cordel-auxilia-no-ensino-de-matematica/> e <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/xilogravura/>

Diante das contribuições de Menezes e Chiapetti (2012, p. 247) acerca da literatura de cordel, “Ao tratar das vivências mais autênticas do povo, a literatura de cordel reafirma os valores da cultura nordestina, e do ponto de vista da Geografia nos permite perceber a materialidade de um espaço rico de significados e um campo fecundo para a reflexão e ensino desta disciplina”.

Nessa perspectiva, conforme Barros e Barbosa (2008), a utilização de diversos estilos artísticos na prática pedagógica se consolida com base em diferentes formas de conhecimento, mantendo firme as culturas populares e as transformando numa linguagem didático-poética a ser transmitida aos alunos juntamente com os saberes geográficos.

Concluindo, a literatura em suas aplicações no campo da realidade supracitada e no ensino de Geografia pode auxiliar a formular novas visões críticas e significativas concernentes ao espaço geográfico e às interações nele desenvolvidas mediante a reflexão e a percepção dos participantes envolvidos. Dessa forma, percebemos que:

A literatura oferece aos geógrafos a possibilidade de superar a leitura meramente positivista do espaço geográfico, a quantificação a qualquer custo e as explicações mecanicistas, reducionista e simplista, que relega os aspectos humanos ao segundo plano. É necessário superar o dogmatismo promovido pelo método positivista e avançar no modo de compreender as relações humanas no espaço (Garcia; Reis, 2019, p. 1778).

A xilogravura pode estar presente nos cordéis, onde arte e literatura se encontram, com o sentido duplo de apresentar sentidos e significados sobre as culturalidades presentes, como também pode ser encontrado de forma separada. Neste sentido:

Também é utilizado a técnica da xilogravura (gravuras talhadas em madeiras) para ilustrar as capas dos folhetos e reconhecimento marcante que foi culturalmente prosperado diante do público tradicional. Os envoltivos enredos dos cordéis abordam os aspectos das tradições culturais do Brasil, principalmente da região Nordeste, ao manter viva sua história popular, entre lendas, costumes, crenças, tradições folclóricas, mitos, etc.; e nas capas a imagem sobre a temática ilustrando o enredo e convidando o leitor para folhear os livretos e se encantar com cada história (Souza e Costa, 2024, p. 3).

Apresentamos um esforço na concentração de possibilidades pedagógicas para introduzirmos e trabalharmos a arte no ensino da Geografia na interpretação cultural da realidade semiárida e sertaneja, para que possamos oportunizar em nossas práticas uma sensibilidade aos participantes envolvidos ao enxergarem suas realidades mediante suas subjetividades, permitindo valorizar e construir um sentimento de pertencimento. Consoante Barbosa (2000, p. 69-70), “(...) é a arte capaz de apresentar um lado ignorado ou mesmo esquecido do mundo habitado pelos homens”.

3 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, a opção metodológica utilizada foi baseada na revisão de literatura envolvendo pesquisa bibliográfica mediante produções acadêmicas que dialogaram com as seguintes temáticas: arte e cultura, ensino de Geografia, práticas pedagógicas e metodologias de ensino. Essa escolha justificou-se pelo caráter investigativo exigido a partir de material já produzido acerca da temática aprofundada, cuja finalidade é consolidar o arcabouço teórico.

Conforme Gil (1989, p. 71), “Pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (...)”. Assim, esta produção consistiu no levantamento bibliográfico em artigos científicos, além de outros documentos normativos e curriculares como a BNCC.

Ademais, entre as produções acadêmicas encontradas em torno da temática abordada, realizamos uma breve *pesquisa estado da arte*, de modo a analisarmos o que se tem produzido e com que intensidade, acerca das diversas práticas pedagógicas em relação a realidade semiárida e sertaneja. Nesse caráter bibliográfico, Romanowski e Ens (2006, p. 39) introduzem que:

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Para as autoras, a pesquisa estado da arte na educação, em específico no campo das diferentes práticas pedagógicas, consiste na formação de um arcabouço teórico de forma significativa a verificar o que já foi produzido acerca de determinada temática, suas limitações na pesquisa científica, as lacunas encontradas, experiências significativas, bem como as contribuições das pesquisas na área.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa sistematização do material produzido, partimos para a interpretação do que coletamos e analisamos em relação aos objetivos propostos da pesquisa. Pudemos constatar esforços de graduandos, pesquisadores e professores em aperfeiçoar e contribuir com práticas pedagógicas inovadoras, propondo e resgatando possibilidades através de seus relatos de experiência em sala de aula mediante seus objetivos na prática pedagógica no ensino de Geografia por meio de inúmeras publicações acerca do contexto abordado.

Além disso, esses esforços tornam-se válidos e pertinentes pela concentração da formação e profissão docente de estimular novas ou já conhecidas práticas que se tornam esquecidas e pouco trabalhadas justamente por não conferirem um olhar atencioso para essas práticas pedagógicas quanto a suas contribuições na valorização das culturas, em específico da realidade semiárida e sertaneja, apresentada nessa produção, ao discutirem e socializarem suas experiências e propostas.

Pensar em novas práticas pedagógicas, embora signifiquem uma simples proposta, permite a nossos professores e educandos constituírem-se sujeitos críticos e reflexivos quanto as suas culturas e a reconhecerem suas realidades em suas trajetórias, desde aos alunos envolvidos em seus processos de aprendizados, bem como aos professores, eternos aprendizes em constante formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contextualizar o ensino de Geografia mediante as vivências e percepções de nossos alunos é um momento importante de aprendizados, pois os auxiliam e os mesmos conseguem apresentar exemplificações através de suas realidades ao longo de seus processos formativos enquanto cidadãos e sujeitos críticos e reflexivos acerca de suas realidades locais e regionais, trabalhando diversos conteúdos geográficos. Contextualizar nossas práticas pedagógicas através da utilização da arte pode possibilitar trabalharmos diversos meios didáticos na ressignificação da cultura de nossos alunos como forma de representar e ressignificar suas culturalidades, tornando nesse processo uma aprendizagem significativa, dinâmica e interativa.

Ademais, concluímos que o ensino de Geografia tem muito o que contribuir a partir da inclusão da Geografia Cultural nos conteúdos programáticos da disciplina, abordando diversas possibilidades de inserção da arte e suas múltiplas exemplificações acerca da realidade semiárida e sertaneja, possibilitando, dessa forma, a partir das abordagens iniciais, incrementar novas metodologias como o uso de tecnologias digitais e metodologias ativas aplicadas ao ensino de Geografia e a temática cultural abordada nessa produção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G.; ARRAIS, T. P. A. (Org.). **É geografia, é Paul Claval**. 1. ed. Goiânia: UFG, 2013.

ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA. **É no Semiárido que a vida pulsa!** Disponível em: <https://asabrasil.org.br/semiariado/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

BARBOSA, J. L. **A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social**. UFF, GEOgraphia, ano II, n. 3, p. 69-88. 2000.

BARROS, D; BARBOSA, V. L. **A Literatura de Cordel no Ensino de Geografia**. In: X Encontro de Extensão, João Pessoa/PB, 2008.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CALLAI, H. C. **A Formação do Profissional da Geografia**. 2. Ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

CRUZ, F. W. S. **Literatura de Cordel: da Rima Popular ao Ensino da Geografia**. v. 2, Revistas Uece, 2022.

GARCIA, G. G.; REIS, M. M. **Literatura como Proposta Didática para o Ensino de Geografia**. In: 14º Encontro Nacional de Ensino de Geografia, 2019, Campinas. 14º ENPEG Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Políticas, Linguagens, e Trajetórias, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1989.

GOUVEIA, I. B.; SALES, Z. R. S. de; DIDIER, M. T. **As artes plásticas na sala de aula**. UFPE. Caderno de Conclusão do Curso de Pedagogia. V. 2. 2005.2 – 2006.1 – 2006.2 – 2007.1.

INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO – INSA. **O Semiárido Brasileiro**. Disponível em: <https://www.gov.br/insa/pt-br/semiarido-brasileiro>. Acesso em: 13 ago. 2025.

MENEZES, W. A. ; CHIAPETTI, R. J. N. **O ensino de Geografia na contemporaneidade: o uso da literatura de cordel**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 5, p. 235-257, 2015.

MUNIZ, A. M. V. **A Música nas Aulas de Geografia**. Revista de Ensino de Geografia, v. 3, p. 80-94, 2012.

NASCIMENTO, L. S.; SILVA, D. T. S.; SILVA, J. N.; BISPO, L. S.; ARAUJO, M. J. S. O.; SANTOS, V. B.; CARDOSO, D. P. S. **Geografia contextualizada no Semiárido Baiano: um estudo sobre a cultura Igarense**. In: Editora Poisson. (Org.). Semiárido Brasileiro. 1ed. Belo Horizonte- MG: Poisson, 2020, v. 6, p. 7-12.

PEREIRA, S. S. **A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino - uma proposta didático-pedagógica**. Geografia. Ensino & Pesquisa (UFSM), v. 16, p. 137-148, 2012.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. A Formação Docente e o Ensino Superior. In. PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação**. Revista Diálogo Educacional (PUCPR), v. 6, p. 37-50, 2006.

SANTOS, F. J. S.; ARAÚJO, R. L. de. **Educação contextualizada no semiárido: o que a Geografia tem a ver com isso?**. REVISTA DE GEOCIÊNCIAS DO NORDESTE, v. 06, p. 178-185, 2020.

SILVA, R. M. A. **Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido**. Sociedade e Estado (UnB. Impresso), Brasília, v. 18, n.1/2, p. 361-385, 2004.

SOUZA, G. A. de; COSTA, O. L. B. **A interdisciplinaridade da literatura de cordel com o ensino de geografia no ensino fundamental (anos finais)**. Anais do X CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2024.